

Apresentação

O atual número de *O Eixo e a Roda*, de temática livre, apresenta a seus leitores um conjunto de artigos que gravita em torno da literatura brasileira escrita entre o século XX e a contemporaneidade. Os textos que abrem esta edição mobilizam a psicanálise – fundamental forma de pensamento – para refletir sobre a prosa de dois grandes modernistas: Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Em “‘Eu sou o meu perfume’: os fantasmas do Surrealismo e os vapores histéricos em Clarice Lispector”, Maura Voltarelli Roque recupera uma série de formulações teóricas e artísticas em torno dos “fantasmas femininos” e suas capacidades de fundar interessantes formas de expressão, bem como observa a presença dessa tradição, profundamente ligada ao Surrealismo (cujo centenário se completa agora, em 2024), na obra de Clarice Lispector. Assim como no ensaio de Voltarelli, a obra de Sigmund Freud é mobilizada no texto de Rafael Pansica, “Do assassinato do tirano em *Primeiras Estórias*: variações rosianas sobre dois textos políticos de Freud”, em que o autor lê dois contos de Guimarães Rosa à luz de *Totem e Tabu* e *Moisés e o monoteísmo*; Pansica levanta a hipótese de que o autor mineiro trabalha de maneira consciente com tal aparato psicanalítico. Já em “Corpos e casas enfermiços: imagens da decadência em *Repouso* (1949), de Cornélio Penna, e em *Crônica da casa assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso”, Júlia Mota Silva Costa não sonda apenas os adoecimentos psíquicos das personagens de Penna e Cardoso, mas também observa como as moléstias físicas que passam os romances associam-se, como imagens, à representação da decadência de tradicionais famílias mineiras.

O bloco seguinte conta com dois textos que podemos qualificar como metacríticos, já que se debruçam sobre materiais preponderantemente teóricos. Em “A boca da história morde a cauda do mito: Jacques Derrida e a inscrição brasileira da desconstrução”, Gabriel Martins da Silva organiza a trajetória intelectual (e, em certo sentido, biográfica) de Silviano Santiago, comentando os modos originais pelos quais o crítico mineiro mobiliza em contexto brasileiro determinado instrumental teórico formulado, sobretudo, da França; e em “Organizando



cados: situação da poesia contemporânea a partir da antologia *Uma alegria estilhaçada*” João Gabriel Mostazo Lopes realiza o mapeamento de um mapeamento, ao analisar os critérios críticos e pressupostos teóricos mobilizados na antologia *Uma alegria estilhaçada*, organizada por Gustavo Silveira Ribeiro. Ao pensar a respeito do trabalho de outro crítico, Mostazo acaba por tecer suas próprias considerações acerca da produção poética contemporânea.

O último bloco de textos volta-se para as formas da prosa e do romance contemporâneos, com destaque para o estudo dos espaços das narrativas e suas relações com questões de gênero e classe, bem como com questões raciais, índice de que a herança de séculos de escravidão continua a integrar, infelizmente, as relações de trabalho e a sociabilidade brasileiras, inscrevendo-se também nas formas artísticas. A questão *queer* está no cerne do texto de Alex Bruno da Silva, “Das viagens e dos retornos: espaço e homoerotismo em *Nossos Ossos*, de Marcelino Freire”, em que o autor acompanha os deslocamentos de um narrador entre sertão e metrópole e as consequentes indagações subjetivas engendradas por tais deslocamentos. Em “Rio de Janeiro Afro-atlântica: ler a cidade porosa em perspectiva diaspórica”, Luca Fazzini investiga a estruturação do espaço nas obras de Geovani Martins e Luiz Antonio Simas, de modo a analisar a representação da cidade e como nela se inscrevem “trânsitos oceânicos característicos da colonização e da escravidão”. Uma gama de questões similares é mobilizada por Paulo Cesar Silva de Oliveira em “Espaço, memória e cultura nos romances *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins, e *A lua triste descamba*, de Nei Lopes”, em que o autor estuda a configuração dos espaços periféricos nas obras de Lins e Lopes.

O número se encerra com o artigo “A potência dos subalternos em *Solitária*, de Eliana Alves Cruz: a diluição do secundarismo no relato de Mabel”, de Egberto Guillermo Lima Vital, em que o autor analisa as possíveis mudanças ocorridas contemporaneamente na forma romance a partir do tratamento dado pela autora Eliana Alves Cruz aos personagens secundários. Vale destacar que se muitos artigos aqui presentes apontam, a partir de análises das formas literárias, para problemas existentes na sociedade brasileira, os estudos não deixam de indicar a necessidade de alteração da ordem social vigente por parte dos oprimidos.

Boa leitura!

Setembro de 2024

Carolina Serra Azul Guimarães
Gustavo Silveira Ribeiro